

FINISTERRA, TRINTA ANOS DE DIFUSÃO DA GEOGRAFIA

A revista *Finisterra* atinge, com o número que agora se apresenta, o trigésimo ano de edição regular. Nesta circunstância, renova-se o seu aspecto gráfico e fazem-se ajustamentos nas secções habitualmente inseridas após o conjunto inicial de artigos. É alargada a comissão editorial (anteriormente designada por conselho de redacção) e constitui-se um grupo de consultores, nacionais e estrangeiros, tendo em vista apurar a qualidade dos trabalhos que aqui se difundem.

Ao longo destes trinta anos, registaram-se aceleradamente, a nível do país e do planeta, modificações sensíveis na organização do espaço, ao mesmo tempo que, no âmbito da Geografia, se esboçavam orientações metodológicas, se alargava o leque das técnicas de pesquisa e se abria caminho para o estudo de novos temas. Tudo isto deixou reflexos nos sucessivos números da revista e, numa altura de a repensar, terá que ser ponderado e articulado com as penetrantes páginas de *Orientação* que Orlando Ribeiro deixou inscritas no limiar do primeiro deles.

O nosso país, que mantinha anacronicamente o seu império colonial, ou as "províncias ultramarinas", segundo a terminologia oficial dos anos 60, ficou circunscrito à área continental de origem e às parcelas insulares da Madeira e dos Açores; pouco depois, integrava-se no imenso e diversificado espaço da União Europeia. Compreende-se que o estudo dos complexos problemas derivados de tal inserção, das relações de Portugal com os seus novos parceiros e mesmo destes países tenha atraído particularmente as atenções: o entendimento geográfico da terra portuguesa, que continua e continuará a constituir tema relevante nas páginas desta revista, já não é possível sem um enquadramento naquele novo contexto. Mas é de esperar que seja decisivamente superado o afrouxamento de investigações em países e regiões onde, nas mais diversas partes do mundo, se fez sentir a influência portuguesa.

Aliás, numa altura em que tanto se fala, e a justo título, de *globalização* e de *sistema-mundo*, cada vez mais os geógrafos são levados a considerar os fenómenos nas suas relações mais amplas, muitas vezes à escala do planeta.

As preocupações com o *ambiente*, a sua qualidade, os perigos da sua degradação, passaram a avultar sensivelmente nestes últimos trinta anos: e

isto, tanto a nível global, como de pequenas áreas, por exemplo as de complexos industriais e aglomerações urbanas. Temos aqui um domínio privilegiado de pesquisas para os geógrafos, que estes talvez não tenham sabido explorar devidamente, apesar de estar em causa o objecto, por excelência, das suas análises e reflexões.

Quando apareceu a *Finisterra*, tinha-se desenvolvido, há já algum tempo, uma corrente metodológica em Geografia, só tardiamente difundida no nosso país, e que se baseava no tratamento rigoroso e exigente de dados, susceptível de conduzir à formulação matemática de regras e sistemas, e elemento importante para a elaboração ou verificação de modelos, que permitissem a interpretação científica segura da repartição de fenómenos muito diversos na superfície terrestre. Por vezes sem a serenidade desejável e sem o esforço de reflexão que só o tempo proporciona, falou-se então de geografia "quantitativa" e lançou-se a ideia duma "nova geografia"; as reacções, por seu turno, foram demasiado acaloradas e a querela desencadeada desgastou energias e desviou a atenção de factos e problemas com maior interesse. Ultrapassada a fase de discussão, os novos conhecimentos e as novas técnicas foram naturalmente mobilizados e integrados no domínio do saber em que se enquadram, como resultado duma evolução que continua a processar-se.

E disto resultou, como não podia deixar de ser, mas sem justificação para qualificações novas ou originais, o enriquecimento da Geografia, que se tornou tanto mais sensível, quanto é certo que, ao mesmo tempo, se colhiam os efeitos de progressos acentuados, com âmbito diverso, no conhecimento do planeta. É nos anos 60 que se começa a utilizar a abundante e rica informação proporcionada através das imagens transmitidas pelos satélites. Para citar outro exemplo, ainda nos anos 60 assentava-se o conceito da expansão dos fundos dos oceanos, que ficaria ligado à teoria da tectónica de placas.

Inevitavelmente, e tal como nas outras ciências, à medida que as investigações em Geografia assumiam maior complexidade, especializava-se cada vez mais e de forma acentuada o seu âmbito – já não apenas em Geografia física e Geografia humana, mas nos diversos ramos duma e da outra. Contudo, este facto, que leva a repensar a viabilidade ou as modalidades de estruturação duma Geografia regional, não é incompatível com novas formas de articulação, como, por exemplo, as que transparecem através do estudo de riscos naturais, onde se entrelaçam condicionamentos físicos e os que derivam da acção do homem.

Os geógrafos têm-se mantido atentos aos grandes problemas que agitam o mundo presente, e vão diversificando os seus interesses, desde as transformações globais (*global change*) à penúria alimentar em muitas áreas, à violência, à saúde, à ocupação dos tempos livres, à questão do trabalho e da con-

dição social da mulher... Têm concedido renovado interesse à geopolítica, compreensível em função de transformações recentes que vão ocorrendo: sistemas político-económicos que se desmoronam nalguns estados, conflitos sangrentos que se desencadeiam ou reacendem em diversos pontos do globo, reajustamentos diversos de organizações internacionais.

Neste contexto, e tomando em conta os condicionalismos internos da estruturação da revista, afigura-se proveitoso manter a *Finisterra* aberta ao leque muito amplo de assuntos que a Geografia recobre, sem prejuízo da organização de números temáticos, ou concebidos em função dum evento ou da consagração de personalidades relevantes. Com as tarefas de execução repartidas agora por maior número de colaboradores, retomam-se aqui afinal as palavras de Orlando Ribeiro inseridas num dos primeiros parágrafos do texto de "Orientação", publicado há trinta anos (nº 1, 1966): "as páginas da revista estão abertas a todos os que (...) cultivam estudos geográficos ou matérias afins, na margem, necessariamente imprecisa, em que as Ciências se tocam, se recobrem e se confundem" (p.5).

Carlos Alberto Medeiros

Dificuldades logísticas de diversa ordem, designadamente a nível de financiamento, levaram-nos a optar, ao contrário do que se tinha previsto, pela preparação de um número duplo, mais económico e que permitirá recuperar algum do atraso originado. Esperamos que seja possível publicar dois números relativos a 1996, cuja preparação está já muito adiantada.